



Alberto Lins Caldasⁱ

sorna

*

posso dizer muito pouco de *chukri margulis theotocopuli*.

digo o nome dele porq ele sempre fez muita questão de dizer esse nome.

dizia sempre com muito orgulho e dignidade misto de respeito memoria tradição e força.

como se dissesse outra gente gente doutra especie. refizesse alguma outra coisa ou mundo. nem fosse nome mas lugar sagrado. condecoração espada aureola prestígio. bastando ser pronunciado pra tudo explicar tudo dizer tudo se tornar claro verdadeiro.

chukri margulis theotocopuli.

nunca consegui saber a razão mas agora posso compreender isso também. se bem q outras coisas inda não compreenda e quem sabe não compreenda jamais. principalmente porq ele ta morto. vivo nunca explicou porq era como era. mas ninguém consegue se explicar direito. o q é pior é q inda não sei se era meu amigo. se tinha amigos parentes conhecidos ou se alguém falava com ele. isso é muito estranho mas é verdade. não era de conversa ou rebuscamento.

se como com seriedade ou com risos terminamos sempre a vida da gente no esquecimento na solidão no silêncio possa agora sem grande angústia falar um pouco o pouco sobre *chukri margulis theotocopuli*. falar essa vida porq vale mais q minha vida. sem dúvida alguma ele merece.

a gente trabalhou junto muitos e muitos anos. disse trabalhar e isso não é verdade. a gente nunca trabalhou nem trabalharia. ficava sentado naquelas cadeiras encostados nas mesas dia apos dia. aturava os minutos passando lambendo as horas como um boi esfolado lambe as feridas e afasta as moscas.

entre as horas muitas e muitas vezes a gente saia pra ver o mundo ou tomar cafe. mesmo assim o tempo não passava e não passava. o mundo é sempre o mesmo e sempre diferente mas o mesmo sempre é maior q o diferente e pra gente sentir diferença no mesmo é preciso q muito mesmo se consuma.

*

lembro q no meu primeiro dia de trabalho ja encontrei ele carregando o tempo dele por la. ele ali la na mesa dele e eu naquela mesa inutil.

não disse meu nome nem perguntei o dele. no meio da manhã exposto de nada e calado perguntei se ele gostaria de sair. ele disse muito serio como se sempre tivesse dito aqueles nomes e fossem dele inseparaveis e eles respondessem qualquer coisa e dissessem outro mundo: *chukri margulis theotocopuli*.

na hora não compreendi e deixei passar. ali sentado ali fiquei pensando repensando aquilo. por mais q pensasse alguma coisa me escapava ou me escapava a razão os sentidos daquilo.

na hora mesmo não ouvi como nome mas como se um boi resmungasse ou um predador velho e ferido entre carniceiros risonhos gemesse alguma coisa. sei q pensei isso ali sentado vendo dez mil vezes por dia aquelas cortinas amarelas as paredes brancas as cadeiras pretas o verniz deteriorado piorando minuto a minuto.

mais ou menos uma hora depois me levantei pra sair pensando num cafe. ver multidão respirar desentorpecer pernas braços dedos olhos ouvidos lingua e estomago se entretendo com outros cheiros outras carnes com as ninharias do viver entre ruas e gentes.

ele levantou tambem sem dizer palavra e juntos a gente saiu junto pra fazer o q faria sempre dia apos dia ano apos quase sempre.

*

não perguntei mais nunca mais se ele queria sair. simples e so levantava e ele vinha junto como cão de guarda uma sombra um fantasma. mas na rua na esquina sentindo o

cheiro do café quando inquiri se ele queria tomar café ele proferiu de novo: *chukri margulis theotocopuli*. mesmo perturbado continuei andando.

a gente rodou sem saber o q fazer até q entrei na cafeteria. pedi café enquanto ele igualmente levantou a mão pra mais café como se fosse gêmeo meu. assim a gente degustou o primeiro café juntos. a estreia das infinitas xícaras freventes com o mais amargoso delirante e inesquecível café.

nunca mais quis saber se ele queria sair andar ou se precisava duma xícara de café. bastava levantar q ele vinha. bastava pedir a xícara de café pra ele levantar a mão duplicando pedidos.

mas sempre q indagava sobre algo qualquer coisa pela primeira vez ou depois também ele vinha com o: *chukri margulis theotocopuli*. isso me atordoava duma maneira quase perversa mas q mantinha o mistério no mistério. como não entendia aquilo aceitava como aceitava aquela e essa vida o nome e ele ser daquela maneira assim sem conversar sem nada fazer. como eu também nada fazia nem fazia nada a gente ficava os dois calados calados caladinhos até aí nem mais nem menos tudo bem mas quando tentei oferecer um copo d'água ele nem esperou direito q eu terminasse e já foi estalando o: *chukri margulis theotocopuli*.

*

quando algum dos superiores da gente exigia alguma coisa ele não esperava mesmo e soltava bem seco o: *chukri margulis theotocopuli*. deixava todos desarmados em pé mudos atordoados. até os mais experientes ficavam assim em transe. impotentes davam meia volta e sumiam.

isso de verdade não deixou muito de ser bom. aos pouquinhos deixaram a gente em paz. era só ficar sentado olhando as paredes e as cortinas amarelas e de vez em quando sair pro mundo. o café. o desentorpecer o corpo. outros ruídos. de qualquer maneira aquela sessão era verdadeiramente absolutamente sinceramente inútil. tudo era mesmo ineficaz ali inclusive a gente. mas a gente conseguiu sobreviver. menos o: *chukri margulis theotocopuli*.

*

ate o nome dele quando perguntei pela primeira fraterna e atenciosa vez ele não disse absolutamente nada. criou espaço enorme em silencio. bom tempo depois eu completamente esquecido do caso ele pronunciou com elevado orgulho o: *chukri margulis theotocopuli*.

fiquei ali olhando ali pra ele sem saber se era nome dele ou alguma outra coisa. me ordenei na cadeira. perguntei se ele poderia repetir. ele simples e sobriamente criou aquele espaço dum silencio quase frio pra muito depois dizer o: *chukri margulis theotocopuli*.

muito tempo depois ele repetiu o: *chukri margulis theotocopuli*. aqueles nomes como sempre e sempre foram pronunciados com tanto respeito com tanta deferencia honra e dignidade q fiquei olhando pra ele como se olha pra uma coisa não vista nem em sonho. como se olha pra coisas muito velhas. antigas demais pra se entender ou conviver. senti q aquele era o nome dele e passei o resto do dia silenciado. pelo menos sabia o nome dele. principalmente porq naquele dia mesmo fiquei calado mas ele de vez em quando repetia cheio de reverencia e veneração o: *chukri margulis theotocopuli*. como se fosse pra mim e pra tudo ele dizia o: *chukri margulis theotocopuli*. pras cadeiras pras mesas pras paredes pra porta azul pras roupas da gente pros papeis inuteis em cima das mesas e acho q principalmente pras cortinas. não sei porq mas acho mesmo q era principalmente pras cortinas amarelas q ele repetia aquele nome sem fim.

ele repetia o *chukri margulis theotocopuli* como se assim ele dissesse pra ele mesmo q existia com tudo o q aquele nome deveria significar. como se ele fosse os valores o peso daquele nome. ele era o q aquele nome expressava ou devia expressar. ele era as enfases de como aquele nome era dito. aquele nome não era so um nome era uma lingua inteira. com ele ele dizia tudo q se pode se quer se vive se pensa. por isso fiquei curioso sobre ele e o nome.

*

outro dia outra hora perguntei sobre o nome dele. o q significava e porq ele dizia ele sempre daquelas maneiras todas. sempre de maneiras tão dessemelhantes. ele calmamente como se eu não existisse disse pausadamente com entonações adocicadas nobres e todas diferentes *chukri margulis theotocopuli*.

fiquei esperando a qualquer momento começar esclarecimentos pras minhas duvidas mas ele nada disse sobre tais perguntas porq sem q eu soubesse ele ja tinha respondido da maneira dele com os *chukri margulis theotocopuli*.

a gente foi pro cafe pra desentorpecer pro ar livre pro meio das multidões escorrendo pelas calçadas como lama quente e fedorenta mas nenhuma palavra mais sobre o nome. fiquei com medo de igualmente perguntar se ele tinha dito aqueles *chukri margulis theotocopuli* daquelas maneiras adocicadas leves sedosas e nada depois era porq realmente não queria não sabia ou não podia mesmo responder o q dava tudo no mesmo silencio eu pensava errado e burro mas era assim q eu pensava.

*

no meio da rua dois dias depois ele disse sem mais nem menos *chukri margulis theotocopuli*. disse isso como se respondesse as minhas perguntas de dois dias antes mas disse duma maneira tão demorada tão fragmentada tão pastosa e crua tão entre tantas gentes e ruidos tão entre dentes e linguas tão entre dores e dores q no tempo entendi q era isso mesmo. isso o q ele tava ditando com o nome assim. algo q palavras ideias imagens e gestos não conseguiam nem conseguiriam jamais dizerem com força o q exprimia simplesmente o *chukri margulis theotocopuli* dito de todos aqueles feitos. tanto q penso inda hoje q dizendo de diferentes maneiras de formas estranhas com tonalidades e outras musicalidades como se fossem em outras linguas apenas o *chukri margulis theotocopuli* ele dizia tudo q sentia desejava sonhava queria não queria aceitava não aceitava vivera e viveria naquele mundo horroroso.

as vezes tambem achava mesmo q eu inventava o sentido a historia o tom as imagens dessas palavras todas do *chukri margulis theotocopuli*. era mesmo possivel q ele não tivesse jamais dito nada dizendo aqueles nomes de diversas maneiras tendo eu mesmo posto neles razões e desgostos q sempre e são e foram apenas somente so meus. ali cheguei mesmo a pensar assim q agora depois não.

com o passar do tempo me acostumei cansado de tentar traduzir em respostas as sutilezas do *chukri margulis theotocopuli* e quase nada mais perguntava ou pretendia. com o corpo demonstrava meu desejo e ele me seguia como se devesse ser assim o cafe as andanças pela cidade o ar renovado as atmosferas pesadas entre as manadas violentas arruinadas e em molambos sujos pelas ruas quando esquecia e perguntava algo novo ele e

seu *chukri margulis theotocopuli* tavam la sempre pra responderem duma maneira inesperada as delicadezas violencias indignações amizades complacencias concordancias discordancias preguiças cansaços indolencias novidades fomes torpezas doloridos miserias loucuras horrores prazeres risos angustia sonos amizade

*

uma vez muitos anos depois perguntei se poderia conhecer o lugar onde ele morava e esperei o *chukri margulis theotocopuli*. ele demorou como se tivesse pensando mas disse *chukri margulis theotocopuli* dum modo q eu entendi ser amigavel.

depois do expediente na rua ele apontou um predio onde todo dia a gente passava pela frente. eu segui ele subindo uma escadaria imunda entre paredes mofadas e estranho riscos desenhos e buracos q iam mostrando os ossos de ferro do predio como se a gente tivesse numa caverna de carne podre dentro dum animal aos pedaços.

de repente ele abriu uma porta. devia ser naquele andar mas ele percorreu um longo corredor atormentado cheio de portas destroçadas por animais desconhecidos ate uma janela com a vidraça quebrada como uma boca desdentada com uma fome desgraçada pra morder o pescoço da gente e as mãos os braços a lingua qualquer coisa q pudesse ser mastigada e ficamos olhando o mar o porto os navios. perguntei se ele teve tinha vontade de viajar. ele como sempre disse *chukri margulis theotocopuli*.

a gente voltou pelo mesmo corredor e continuou subindo enviesado ate outro andar. no meio desse ele abriu uma porta estranha toda cinzelada com imagens e palavras. como tava tudo muito escuro escuro demais não consegui nem consigo descrever quais desenhos e quais palavras.

dentro tinha uma cadeira uma cama um lençol e uma toalha sobre uma cama senil. um par de sapatos e duas roupas completas penduradas num movel carrancudo. um manequim enebado num recanto como se fosse alguém empalhado muito velho muito morto e tristonho. as paredes eram finas despelando como se tivessem uma doença de pele de carne de tendões de musculos de visceras.

por tras delas se sentia respirações bufos suspiros peidos imensos violentos abafados tristonhos triturados infelizes desgostosos e doloridos. seres arrastando as garras no gesso no cimento nos tijolos nas placas nos restos dos moveis. como se tivessem muita fome muito desespero

jogadas abandonadas desamparadas naquelas jaulas. ao redor daquele *chukri margulis theotocopuli* tudo tava demais cheio de poeira de po quase areia fragmentos estilhaços daquele mundo. não sei como mas nada daquilo era vivo.

ladrilhos saltos pareciam buracos. o teto se dobrava cheio de barrigas grávidas. era sem janelas com restos de paredes pintadas de negro com nenhum quadro pendurado nelas. na cozinha no banheiro não tinha nenhum objeto. era um covil desabitado. tive a nitida sensação dum canil desamparado ou na cova de algum vermezinho suspeito e perigoso.

perguntei sem pensar se ele morava mesmo ali. ele como sempre disse um *chukri margulis theotocopuli* pomposo e solene como se recitasse isso numa montanha. ficamos presos ali sem nada fazer ou dizer. vi q nada tinha pra comentar ou fazer. costumeira entre a gente so a distancia.

me voltei pra porta e fui saindo. ele tava em pé no meio da sala e ali ficou calado e imóvel como se vivesse assim ali como estatua no meio da sala. de repente disse pra si mesmo pras paredes

pra cama pra cadeira e pro manequim enebado *chukri margulis theotocopuli*. sai fechei a porta e fora no corredor inda ouvi um *chukri margulis theotocopuli* carregado de agonia.

noutro dia a gente nada comentou. a gente passava todo dia na calçada do prédio mas a gente não comentava nada sobre isso. a gente não comentava sobre nada.

descendo as escadarias fiquei imaginando ele ali em pé como cadáver esturricado no meio da sala de vez em quando soltando o *chukri margulis theodocopuli* e de vez em quando tomando nos braços o manequim enebado e com ele dançando ouvindo alguma musica e de vez em quando dizendo sussurrando *chukri margulis theodocopuli* pro manequim enebado e mudo os dois sempre ali ali sempre em pé um encostado outro no meio da sala um dizendo de vez em quando *chukri margulis theodocopuli* sem esquecer o outro ali mudo e enebado somente so ouvindo sem ouvir aquele *chukri margulis theodocopuli*.

*

uma vez na rua um sujeito bateu sem querer com muita força no ombro dele q aquilo doeu doendo q deve ter doido mesmo q ele começou sem q eu conseguisse fazer parar aquele *chukri margulis theodocopuli* de todas as formas e tons possíveis. juntou gente e ele paralisado com olhos fechados gritando sem parar cada vez com nova entonação o *chukri*

margulis theodocopuli como se fosse um longo discurso onde cada nome e o nome inteiro se tornavam imagens palavras ideias gestos inteiramente novas e absurdamente indignadas. sair daquilo deu trabalho e me apavorou muito e demais. mesmo tendo me ensinado muito sobre o *chukri margulis theotocopuli* fiquei com medo de sair com ele novamente. mas a gente não ficou sem café sem ruas isso não. somente so evitava ruas mais cheias e a gente continuou os mesmos. como se nada pudesse mudar. como se nada fosse mudar. como se aquilo tudo e a gente fossem eternos.

*

muitos anos depois um dia ele não apareceu pra trabalhar nem de manhã nem de tarde. quando no outro dia também não apareceu sai correndo pro prédio dele. subi escadas e escadas até o andar da janela. vi o mar os navios o porto os telhados cheios de limo verde e pequenas árvores presas nas brechas das paredes das casas. edifícios e muros arruinados e se arruinando sem saída. morrendo de medo da boca faminta daquela janela com dentes quebrados de vidraça fina obscena suja e demente. como se ela e a cidade toda ali quisessem me morder me comer me esfaquear e so somente so o medo do q ia encontrar. por isso olhei tanto o mar os navios a praia negra o porto os telhados pesados de verde tostado as árvores piudinhas piudinhas agarradas com medo nas brechas das paredes das casas arruinadas nos edifícios se dissolvendo pra se tornarem as areias daquele deserto sem fim q era tudo. tudo q ia virar q ia virando e q ja virou.

voltei pelo corredor até a escadaria e subi correndo então até o antro onde ele me levou. bati e a porta acompanhou minha batida indo sem pressa até a parede mole como carne podre. entrei e encontrei ele num canto como se tivesse dormindo coberto de poeira. parecia um boneco desconjuntado. toquei nele e ele abriu os olhos. olhou pra mim como se nunca tivesse me visto e disse magoado *chukri margulis theotocopuli* e foi fechando os olhos dizendo de novo *chukri margulis theodocopuli* e fechou os olhos pra logo depois morrer ali mesmo sem q até hoje saiba do q morreu e viveu so e sozinho *chukri margulis theotocopuli*.

inda por muito tempo esperei sentindo falta q ele dissesse com todas as dignidades sublimes do mundo ou todas as dores acres e torturas o *chukri margulis theotocopuli* e q se levantasse pra dançar com o manequim enebado q tava também também caído como se também tivesse morto os dois depois da alguma briga estranha durante a noite dentro da

musica no meio da valsa por razões exclusivamente deles. as horas foram passando passando passando sem q mais nada fosse dito ou feito.

sai dali e fui pra casa como se algo muito grande gigantesco demais tivesse sumido desaparecido da vida. não da minha vida apenas mas da propria vida. esse sentimento inda hoje me acompanha sem q decifre nem o q nem o pra q nem o por q.

*

de vez em quando no espelho no quarto na cama por dentro de casa me pego dizendo entristecido ou velho demais dizendo com alegria ou estranha arrogancia como se eu tivesse noutro lugar com outra gente *chukri margulis theotocopuli* e fico feliz como se renascesse e por isso repito sempre q preciso e posso e desejo *chukri margulis theotocopuli*.

ⁱ **Alberto Lins Caldas** publicou os livros de contos "Babel" (Revan, Rio de Janeiro, 2001), "Gorgonas" (CEP, Recife, 2008); o romance "Senhor Krauze" (Revan, Rio de Janeiro, 2009) e os livros de poemas "No Interior da Serpente" (Pindorama, Recife, 1987), "Minos" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2011), "De Corpo Presente" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2013), "4x3 - Trólogo in Traduções" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2014) com Tavinho Paes e João José de Melo Franco) e a "A Perversa Migração das Baleias Azuis" (Íbis Libris, Rio de Janeiro, 2015). Blog: www.poemasalbertolinscaldas.blogspot.com.br